

CRENÇA, FÉ E TEORIA

BELIEF, FAITH AND THEORY

Emmanuel Carneiro Leão¹

RESUMO

Este artigo trata do pensamento na filosofia, da crença, fé e teoria, que provêm e agem no viver grande da vida durante a biografia e história dos homens. Crença é vidência, a vidência das possibilidades passadas; a fé é previdência, previdência das possibilidades futuras e a teoria é a providência, a providência das possibilidades presentes, todas, porém, vigentes na unidade de ser e realizar-se da vida de cada dia. A filosofia não é teoria; disciplina, não é teoria do conhecimento, nem ideologia. A filosofia é uma experiência da vida no pensamento, uma entre outras, como a arte, a música, a poesia etc.

Palavras-chave: Crença. Fé e Teoria. Pensamento. Biografia e História dos homens.

ABSTRACT

This article deals with thought in philosophy, belief, faith and theory, which come from and act on the great living of life during the biography and history of men. Belief is clairvoyance, the clairvoyance of past possibilities; faith is foresight, foresight of future possibilities, and theory is providence, the providence of present possibilities, all of which, however, are active in the unity of being and realization of everyday life. Philosophy is not theory; discipline, not knowledge theory, nor ideology. Philosophy is an experience of life in thought, one among others, such as art, music, poetry etc.

Keywords: Belief. Faith and Theory. Thought. Biography and History of Men.

¹ Doutor em Filosofia pelo Pontifício Ateneo Regina Apostolorum, Roma. Professor de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Antes de nos deixarmos mobilizar pela vitalidade das relações entre **crença**, **fé** e **teoria** na Filosofia, duas preliminares se impõem. A primeira nos vem de Nietzsche. Uma anotação para o Zaratustra do outono de 1883 nos mostra a necessidade de uma experiência de pensamento que se embrenhe pelas raízes da própria possibilidade de pensar.

Escreve Nietzsche:

Fui atrás das origens, o que me alienou de todas as venerações. Tudo, a meu redor, se tornou solitário e estranho para mim. Mas, por fim, do seio do próprio mistério, de repente, rebentou de novo o venerando mesmo – e eis que nasceu para mim a árvore do futuro. Agora vivo sentado em sua sombra! Esta é a primeira preliminar (1967, p. 358)

A segunda preliminar nos vem do fragmento 18 de Heráclito de Éfeso. Trata-se de um apelo de mais de dois mil e quinhentos anos.

Escreve Heráclito: “Se não se espera, não se encontrará o inesperado. É sem vias de acesso e ponto de encontro!” (HERÁCLITO, 1991, p. 63).

O inesperado, também, é esperado na e pela paciência. Pensar as relações entre crença, fé e teoria, na Filosofia, exige a paciência de um longo tempo, requer instantes propícios e momentos favoráveis. A segunda preliminar é, pois, a **paciência**.

As relações entre **crença**, **fé** e **teoria** se dão na sinusia da Filosofia. A sinusia é a vida. Numa carta escrita a Andréia Lou Salomé, Nietzsche diz que a filosofia é a criação da vida na biografia dos homens e na história da humanidade. Vale a pena escutar as palavras do pensador:

Querida Lou:

A ideia de reconduzir os sistemas filosóficos à vida pessoal dos filósofos é, na verdade, ideia de uma alma irmã. Em Basileia ensinei assim a história da filosofia antiga e costumava repetir para meus ouvintes:

toda doutrina filosófica terminou refutada e morreu, mas a vida pessoal de seus autores por detrás dela é irrefutável e impossível de ser destruída. Vive nos homens de todos os tempos. Por exemplo, a vida de Platão em todos nós. (NIETZSCHE, 1967, 360)

Escutando estas palavras, alguém poderia lembrar as ideias de Platão e perguntar: “Onde é que existe a cidade ideal?”. A resposta de Nietzsche seria simples: a cidade ideal existe sempre na cidade real e se revela cada vez que se critica e combate a cidade real. Pois que é um crítico, que significa ser revolucionário – É ser um homem que diz não e rejeita. Mas, para negar e recusar, tem de ser também um homem que já disse sim a uma nova ideia de cidade. Na dinâmica de sua negação, articula-se a força de uma afirmação originária, e originária porque dá origem a todo seu poder revolucionário. O sim que constrói se dá e vive no vigor de um não que destrói. Ora, dar-se na medida e à proporção que se retira e retrai constitui a parúsia de toda e qualquer vida criativa, sobretudo da vida e criação do pensamento. Pensar é a explosão do mistério da realidade, precipitando-se história abaixo numa avalanche de transformações. É a lição que nos deixou Platão com as três palavras mais importantes da República: *ta gar de megalá panta episphele*, tudo que é grande precipita-se história abaixo numa avalanche de transformações.

Seguindo, pois, a lição da vida, temos de reconhecer que a filosofia, como criação, tem pouco a ver com doença e crença, com fé e teoria. Nietzsche é um exemplo cabal. E por que tem pouco a ver com tudo isso? Porque somente vivo é que se pode adoecer e crer, conhecer e pensar.

É que tudo tem a ver com vida, e a filosofia não é senão a vida do e no pensamento humano. Hegel já dissera: a ação é vida traduzida em conceitos. Com isso, percebe-se que filosofia não é só ciência, disciplina ou teoria de conhecimento tal como entendemos conhecimento hoje em dia, isto é, como conhecimento objetivo. Ao contrário, toda ciência, disciplina ou teoria de conhecimento é que estão, de algum modo, ligadas à vida na filosofia, quer reconheçam ou não, quer assumam ou não um contágio de filosofia. A filosofia também não constitui uma

ideologia, concepção de vida ou visão de mundo. No entanto, não vale a inversão, pois toda ideologia, concepção de vida ou visão de mundo não podem prescindir da filosofia na vida. Foi o que há mais de 60 anos, em 1949, no Congresso Nacional de Filosofia de Medonza, Argentina, reconheceu o próprio Bertrand Russel, corifeu do que se chama hoje de **filosofia analítica**, com as seguintes palavras:

Há uma matéria de grande importância filosófica, na qual uma análise cuidadosa da inferência científica leva, se não estiver enganado, a uma conclusão desagradável para mim e, creio eu, para quase todo positivista lógico. A conclusão é que um empirismo sem compromisso é insustentável².

Freud, falecido, então, há dez anos antes, em 1939, sentir-se-ia de algum modo presente em Bertrand Russel, pois se transferindo, “*mutatis mutantis*”, a conclusão para a psicanálise, teríamos que é também insustentável uma exclusividade da consciência no comportamento biográfico e histórico dos homens. É que de uma tal exclusividade a vida nem sabe, nem conhece, no sentido originário desses dois verbos, isto é, o sentido de sentir o sabor da realidade de nascer com a realidade do que somos e não somos.

Mas, o que seria, então, a filosofia se não for teoria, disciplina ou doutrina de conhecimento, nem ideologia, concepção de vida ou visão de mundo? Sobraria ainda alguma coisa para a filosofia ser?

Antes de responder, pensemos um pouco o que nos leva a perguntar assim, isto é, o que nos torna esta pergunta não somente possível, como sobretudo imperiosa. Não era que não vivemos apenas na idade da técnica e da ciência? Parafrazeando a famosa sentença de Hegel, dizemos, hoje em dia: tudo que não for científico não é real. Próteses, cada vez mais, da tecnologia, consideramos a técnico-ciência o supremo tribunal de julgamento para todo valor e qualquer realização.

² “*There is one matter of great philosophic importance in which a careful analysis of scientific inference leads, if I am not mistaken, to a conclusion which is unwelcome to me, I believe, to almost all logical positivist. The conclusion is that uncompromising empiricism is untenable!*” (RUSSEL, 1997, p. 167).

Nestes termos, a pergunta o que restaria, ainda, para a filosofia ser, se não for ciência, ideologia, concepção de vida ou visão de mundo, supõe muitas coisas incorporadas a nossas mentes. Supõe, por exemplo, que toda filosofia não possa deixar de ser exercício de um conhecimento objetivo. Supõe também que, além de conhecimento, já não sobre nada mais para a filosofia ser. Supõe, ainda, que tudo que é não pode deixar de ser alguma coisa, um “quê” e por isso pergunta “o que é?” Supõe, outrossim, que toda pretensão de ser e se realizar termina sempre ou com a produção de um conhecimento objetivo e, então, é ciência ou com a produção de uma ilusão transcendental ou empírica e, então, é ideologia. Supõe, por fim, que toda época tem sua ideologia, concepção de vida e visão de mundo em todos os seus membros.

Como se vê, não são poucas as suposições que sustentam aquela pergunta tão banal e inocente. Mas, e se todas essas suposições forem “*dicta dura*”, isto é, se estiverem a serviço da ditadura da razão, bem como de seu raciocínio e de sua racionalidade? Muito bons, sem dúvida, para conhecer objetos; imprestáveis, porém, para pensar o mistério da realidade nas criações do pensamento? Nesse caso, com que cara ficaremos nós ao perguntar: “Mas, então, o que é a filosofia se não for nem conhecimento, nem ideologia, nem concepção de vida, nem visão de mundo?”. Será que ainda ficaremos com alguma cara quando só nos restar a carranca intransigente da razão e sua ditadura?

Agora que de alguma maneira sabemos das suposições daquela pergunta, poderemos tentar respondê-la.

A filosofia é uma experiência da vida no pensamento, mas não é a única. Outra experiência de vida no pensamento é o mito e a mística. Uma outra é o mistério de ser e o extraordinário de viver. Ainda outra é a poesia e a arte. Ainda outra é a música, com o outro e o “não outro”. Ainda outra é a cidade e a cidadania, a polis e a politeia. A última, por ser, no fundo, a primeira experiência da vida é o nascimento e a morte, *eros kai thanatos*, pois porque nasceremos um dia, morreremos cada instante de todo dia.

No ser vivo, a vida não começa pequena em dado momento e vai crescendo aos poucos, até atingir o clímax de suas possibilidades,

virar o fio e decair para entrar em progressiva decadência e levar o ser vivo a morrer. Este é o modo de ser e de dar-se do pequeno que só pode mesmo apequenar tudo. A vida, não! A vida é grande. E o grande engrandece tudo. A vida já nasce grande, cresce grande e finda grande. Só o pequeno acha que o grande tem que durar para sempre e ser eterno. É o que se diz quando se repete: tudo vale a pena porque a vida não é pequena.

Para o pensamento na filosofia, **crença**, **fé** e **teoria** provêm e agem no viver grande da vida durante a biografia e história dos homens. Crença é vidência, a vidência das possibilidades passadas; a fé é previdência, previdência das possibilidades futuras, bem como a teoria é a providência, a providência das possibilidades presentes, todas, porém, vigentes na unidade de ser e realizar-se da vida de cada dia.

O homem é o mais temporal dos seres, pois é o único ser vivo cuja vida a dinâmica do tempo determina. Reúne na unidade de cada instante possibilidades por vir e cursos já percorridos. Do ponto de vista dos conteúdos vividos, crença diz pulsão de repetir; fé diz constância de relações; teoria diz cálculo de operações. Do ponto de vista das atitudes em andamento, crença inclui adesão, fé implica fidelidade e teoria abrange objetivações. São três vertentes que se excluem mutuamente nos processos de fazer e agir, mas que a vida reúne, dialeticamente, nas posições e situações existenciais. De per si, no isolamento da abstração, não há homogeneidade, continuação ou passagem possível entre a teoria, que define o conhecimento da ciência, a reflexão, que dá vida ao pensamento na filosofia e a fé, em que se funda a crença nas convicções. Toda contaminação de uma pela outra arruína todas as três. Embora irredutíveis em si, são três modos de ser que se equivalem na influência sobre o viver dos indivíduos e grupos pela riqueza de perspectivas que abrem para as possibilidades das realizações. Se, por um lado, ciência e filosofia não são servas da fé nas crenças, por outro lado, também, não poderão pretender decidir o valor da fé. O crente não pode vangloriar-se de ter solução para todos os problemas da vida, pois, como fiel, o crente não apenas não pode deixar para a crença a solução de todos os problemas que sente, nem assumir por si só os

desafios de suas vivências, sem negar-se a si mesmo como crente, ou ao menos sem fazer como se não fosse crente. Por seu turno, teoria e pensamento não poderão olhar por sobre os ombros do crente, com a pretensão de ditar-lhe o sentido real e denunciar o sentido imaginário ou mesmo alienado de sua atitude de fé. O sentido da fé somente quem crê poderá saber, pois se trata de experiência exclusiva e intransferível em todo homem. Para Kierkegaard, toda pretensão de se confiscar tal experiência é blasfêmia, isto é, violência praticada pela onipotência de todos nós contra a criação da própria liberdade humana. O próprio da fé está em esquivar-se à reflexão do pensamento e subtrair-se à objetividade da teoria. Assim, uma incompreensão radical atravessa toda condição humana, tornando impossível a tentativa de reduzir qualquer uma à qualquer outra das três dimensões da vida em cada um.

Existe uma gravidade nas questões do pensamento refratária a qualquer crença: a própria audácia de questionar. Existe um vigor originário na filosofia que é irreduzível e incontornável em toda situação: a irrupção do mistério da realidade nas realizações do real, que desencadeou a aventura filosófica pela história do Ocidente, e deu sempre muito a pensar ao pensamento.

Mas há, também, uma grandeza na crença, quando se mantém fiel à criatividade da história. Há, também, uma experiência originária na fé em que mora e vive a vida humana: uma experiência inaugural a que não tem acesso o homem da teoria, como tal, nem o homem da filosofia, como filósofo. É tudo isso que se perde; é toda esta ousadia que se transforma em covardia; é toda esta grandeza que se apouca e amesquinha quando corremos atrás apenas da ciência e\ou da filosofia, num esforço onipotente de conquistar a vida nos segredos do progresso, no afã de incorporar as próteses da técnica ou absorver os *slogans* e *gingles* da propaganda, achando que, se o crime nunca compensa, o crime compensa.

Para a filosofia, o encontro vivido na experiência de todos e de cada um entre crença, fé e teoria não provém de uma liberdade de escolha. Trata-se de uma liberdade mais radical, uma liberdade que não é nem somente negativa, independência, nem somente positiva,

autonomia de determinação, mas se trata de uma liberdade criativa, que deixa aparecer o novo, pois o que está sempre em causa no homem não é escolher a crença e a fé em oposição à teoria do conhecimento e à reflexão do pensamento, como quem prefere a certeza à dúvida, o bem ao mal, o bom ao ruim. O que está em causa é uma radicalidade de ser, a radicalidade da vida, que tem de aprender e reaprender, sempre de novo, a sentir e viver em cada experiência a morte de todas as três e reconhecer que a própria mortalidade da condição humana acolhe e recolhe nas escolhas as possibilidades de uma comunhão profícua entre crença, fé e teoria, no próprio seio de sua recíproca exclusão.

Tal é a imensidão do desafio que nos deixa sempre a vida nas vicissitudes biográficas e históricas de nossas realizações. É a experiência da Véspera que nos apontou a maior poetisa de todos os tempos, Safo de Lesbos, num dos fragmentos mais famosos de sua criação poética:

Véspera recolhes tudo que o brilho da aurora dispersou em seus raios,
Recolhes vinho aos lábios,
Recolhes rebanho ao redil,
Recolhes da mãe os filhos.

E para terminar uma “buttata” atribuída, ora a Bernard Shaw, ora a James Joyce, ora a Samuel Beckett ou a um lógico analítico inglês “*Se non è vera, è bene trovata!*”.

Lá pelos anos trinta do século XX, no auge das disputas provocadas na Inglaterra pelas inovações de Melanie Klein no tratamento das crianças, alguém foi investigar o movimento psicanalítico inglês. Ao término da investigação, perguntado se encontrara alguma diferença entre analisando, analista, análise e IPA, teria respondido: o analisando acredita na crença de uma terapia do profundo. É um homem, que, num quarto escuro, procura um gato preto que não está lá. O analista tem fé na análise. É um homem, que, num quarto escuro, procura um gato preto que não está lá e encontra. A análise é a teoria da escuridão, que reúne analisando, analista e gato preto no quarto escuro. IPA cobra os direitos de tratamento do analista que lhe repassa parte do pagamento do analisando.

E a psicanálise? – A impressão que se tem é de um destes antigos castelos ingleses que viúvas piedosas fazem questão de mantê-lo tal qual era no dia da grande perda. Esta é a piada.

E, nós, aqui e agora? – Felizmente, as piadas nos fazem sentir trancados dentro de um horizonte de galinha que, a cada vez, só consegue ver um único grão de milho!

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.

NIETZSCHE, F. **Nachgelassene Fragmente 1882-1884**. Berlim; Nova Iorque: Siegel, 1967.

RUSSEL, B.; SLATER, J. G.; REMPEL, R. A. **Last philosophical testament**: 1943-68. Londres; Nova Iorque: Chapman and Hall Inc. 1997.